

QUERIDO GUERRA-PEIXE, CARO AMIGO LANGE: ASPECTOS DE UMA CORRESPONDÊNCIA

Ana Cláudia de Assis
anaclaudia@ufmg.br
Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais.

Resumo

A correspondência trocada entre o compositor César Guerra-Peixe (1914-1993) e o musicólogo Francisco Curt Lange (1903-1997) iniciou em 1946, totalizando 175 cartas até 1985. Esta correspondência evidencia que, ao longo da década de 40 até o início dos anos 50, o compositor e sua produção musical estabeleceram um diálogo entre uma vanguarda musical – permeada por pressupostos técnicos e temáticos novos, que ampliavam as dimensões da produção musical – e uma preconização nacionalista enraizada na tradição popular e na idéia de modernismo voltado para a cultura regional e nacional. Nas cartas compostas por Guerra-Peixe podemos ouvir a polifonia de seus pensamentos, as dissonâncias com os nacionalistas, a re-harmonização com os dodecafonistas, os arranjos com o público, o *moto-perpétuo* de suas indagações. Neste pseudo-diário, Guerra-Peixe constrói de maneira às vezes improvisada, às vezes elaborada, a sua concepção de música e de mundo para o qual remete sua música. Tomando, pois, como objeto de análise as cartas escritas por Guerra-Peixe, o objetivo deste texto é demonstrar as estratégias desenvolvidas pelo compositor para conciliar dodecafonomismo e nacionalismo em suas obras escritas entre 1946 e 1949.

Palavras-chaves: cartas - Guerra-Peixe - Curt Lange

Abstract

Composer César Guerra-Peixe (1914-1993) and musicologist Francisco Curt Lange (1903-1997) began writing each other in 1946 and by 1985 there was a total of 175 letters between them. This mail shows that, throughout the 40s and up to the beginning of the 50s, the composer and his musical production established a dialogue between a musical vanguard – with its new technical and thematic presuppositions that broadened musical production dimensions – and a nationalistic preconization, which was rooted on popular tradition and on the idea of modernism related to local and national culture. In the letters composed by Guerra-Peixe one can hear the polyphony of his thoughts, the dissonances

with nationalists, the re-harmonization with composers of twelve-note music, the arrangements with the audience, the moto-perpétuo (endless motion) of his enquiries. In this diary-like document, Guerra-Peixe builds his music conception and world view, sometimes through improvisation, others through elaboration. This paper aims at demonstrating the strategies developed by the composer in order to join twelve-note methods and nationalism in the works he composed from 1946 to 1949, by using the letters written by Guerra-Peixe as object of analysis.

Este texto é parte de um projeto de pesquisa intitulado “O Nacionalismo em *doze* sons de César Guerra-Peixe”, em andamento, que tem por objeto a produção musical dodecafônica do compositor brasileiro César Guerra-Peixe (1914-1993). Sob o ponto de vista metodológico, a pesquisa detém-se nas relações entre música e história, partindo do pressuposto de que a música é uma prática constituída no diálogo entre o compositor e seu tempo. Ela não é apenas um espelho sobre o qual a sociedade pode ser refletida mas, antes, é parte dessa sociedade.

Dentro desta perspectiva, a música de Guerra-Peixe, composta no período entre 1944 e 1954, constituiu-se como um jogo sutil onde diferentes formas culturais se cruzam através de práticas musicais diversas: música do povo, música da elite, música da *avant-garde* européia. Tais cruzamentos, além de participarem da multiplicidade cultural da sociedade brasileira, realçam a forma estratégica encontrada pelo compositor para se dirigir e despertar uma nova sensibilidade musical na sociedade de seu tempo. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é investigar a forma como o compositor e sua obra dialogaram com a sociedade brasileira e as motivações culturais e estéticas que conduziram este diálogo.

Trabalhamos com dois tipos de fontes: um epistolar, que é a correspondência¹ trocada entre Guerra-Peixe e Curt Lange (1903-1997) e outro musical, que são sete obras para piano solo compostas entre 1944 e 1954.

Tomando como objeto de análise as cartas de Guerra-Peixe, o objetivo deste texto é demonstrar as estratégias desenvolvidas pelo compositor para conciliar dodecafônico e nacionalismo em suas obras escritas entre 1946 e 1949.

¹ A correspondência se encontra no Acervo Curt Lange, atualmente na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais.

Guerra-Peixe e Curt Lange corresponderam durante o período de 1946 até 1985, somando 175 cartas². Estas apresentam vários assuntos, alguns reincidentes, como é o caso das composições dodecafônicas e da crítica aos compositores nacionalistas, outros pontuais como, por exemplo, informações sobre a programação de um determinado concerto. Numa primeira abordagem (Quadro 1) fizemos o levantamento do número de cartas trocadas em cada ano e, após, listamos todos os temas incluindo nome e profissão de pessoas citadas, cidades e países, instituições diplomáticas, instituições de ensino, etc.

Quadro n.1

Ano e número de cartas

1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1965	1969	1970	1971	1972	1985
1-12	13-65	66-95	96-107	108-124	125-135	136-147	148-150	151-153	154-156	157-159	160-162	163-164	165-168	169-170	171	172-175
12 cartas	53c	30c	12c	17c	11c	12c	3c	3c	3c	3c	3c	2c	4c	2c	1c	4c

A primeira linha do Quadro 1 corresponde aos anos em que os músicos se corresponderam; a segunda, à numeração dada às cartas (carta n.1 até a n.12 foram escritas em 1946); a terceira corresponde ao número de cartas trocadas em cada ano. Assim, podemos ver que no ano de 1947, a correspondência foi mais intensa totalizando 53 cartas. Os dados apresentados neste quadro nos confirmam que até 1956 a correspondência manteve-se regular, anual, e com um grande volume de cartas, somando 159. Após 9 anos de interrupção, em 1965 eles retomam o diálogo, porém de forma esporádica e num tom de formalidade completamente distinto das cartas escritas entre 1946 e 1956.

A seguir (Quadro 2) temos um panorama de alguns temas recorrentes:

Quadro n.2

Grandes temas, cartas correspondentes, sub-temas

Conceitos estéticos de Guerra-Peixe	Música Popular	Nacionalismo musical	Crítica de Guerra-Peixe	Dodecafônico
-------------------------------------	----------------	----------------------	-------------------------	--------------

² Quando Guerra-Peixe iniciou a correspondência com Curt Lange, ele já fazia parte do Grupo *Música Viva* desde 1944.

2,9,11,14,17,24,2 5,27,28, 29,33,34,36,3744, 66,71, 7492,123,127,130 ,133, 159	8,24,29,33,34,36, 37,38,46, 47,49,52,55,56,58 ,59,67, 68,70,80,82,83,84 ,87,88, 90,102,105,110,1 11,112, 117,137,138,141, 142,155, 172,173	2,4,6,24,28,32,3 8,65,74, 95,100,101,104, 107,110, 112,113,114,137 ,138,141150,162	2,4,9,11,13,16, 20,22, 24,25,26,28,29 ,32,34, 38,49,52,56,58 ,61,65, 66,68,83,86,88 ,90,92, 93,100,104,10 8	4,6,13,24,28, 33,34,54,717 4,75,100,104 110,133,137, 138, 139,156,
Canto: 2 Atonal: 13 Ante-nacional: 24 Público: 6,24,74,92,96,104 Forma: 24,28,34,48,52 Função social: 92 Ritmo: 24,28,36,37,52,74 Série dodecafônica: 24,28,	Frevo: 36,38,39,52,58,59 , 70,87,88,112,117, 138,155 Ari Barroso: 80,83 Caymmi: 67,68,83,84,87, 102 Ritmo de pandeiro 37,40,59 Danças nacionais: 105 Estrato Social: 173	Caráter brasileiro: 38,65 Car.nacional: 107,137,141 Cor nacional: 24,28,37,74 Nacionalismo franco: 100 Regionalismo: 24 Super-nacionalistas: 32 Estilo nacional: 24 Rotina naciona-lista: 138	Musicologia bras.: 4 Rádio brasileira: 9 Público brasi-leiro: 11 Compositores nac.: 11 Atraso estéti-co: 13 Villa-Lobos: 22 Estado Novo: 22 Regionalismo: 26	Dodecafoni-tas: 137 Policiamento dode-cafônico: 156 Dodecaf, brasileiro: 104,137,139 Téc dos 12 sons: 6,28, 33, 34, 71, 75

Optamos em agrupar em *Grandes Temas*, os assuntos que se relacionam com uma ideia central. Assim, *Conceitos Estéticos de Guerra-Peixe* é o grande tema composto de opiniões do compositor relativas aos elementos intrínsecos e extrínsecos da composição musical.

O que nos chama a atenção ao observar o quadro acima, é que a Música Popular foi um assunto que perpassou toda a correspondência. Uma das razões tem a ver com o fato de que Curt Lange sempre solicitava a Guerra-Peixe o envio, por exemplo, de discos de frevo, coletas de músicas do “folklore negro”, opinião do compositor sobre os músicos populares, etc. Uma vez que Guerra-Peixe trabalhava naquela época como arranjador e orquestrador de rádio, ele era um informante eficiente e atualizado. Por exemplo, um pedido urgente de Curt Lange: “Pode mandar (...), quanto antes melhor, o livro do Caimmy³ com as retificações de Você que muito me interessam” (Curt-Lange, s/d, carta 84). As informações e os

³ Referência a um livro escrito pelo compositor baiano Dorival Caimmy.

materiais sobre música popular, enviados a Curt Lange, se convertiam em palestras, cursos e exposições que o musicólogo realizava em países da América Latina e do Norte.

Quanto ao estilo das cartas escritas por Guerra-Peixe, poderíamos interpretá-lo como o diário de um compositor, um espaço íntimo para a expressão de idéias, de sentimentos, de desejos e de impressões. Nelas podemos ouvir a polifonia de seus pensamentos, as dissonâncias com os nacionalistas, a re-harmonização com os dodecafonistas, os arranjos com o público, o *moto-perpétuo* de suas indagações. Neste pseudo-diário, Guerra-Peixe constrói de maneira às vezes improvisada, às vezes elaborada, a sua concepção de música e de mundo para o qual remete sua música.

Curt Lange desenvolvia intensa atividade editorial e musicológica no Uruguai, com repercussão na América Latina, Estados Unidos e em alguns países da Europa. Tendo em vista a dinâmica e a representatividade de seu trabalho é fácil imaginarmos a admiração e o respeito que Guerra-Peixe devotava às idéias e à crítica deste musicólogo. Em 2 de setembro de 1946, Guerra-Peixe envia a Curt Lange uma cópia de sua *Sinfonia n.1* e espera dele uma crítica sincera:

(...) A “Sinfonia” aí está. Espero de sua competência e cultura uma opinião sincera e rigorosa - sem “rodeios” e sem a preocupação de que eu não saiba interpretar as suas abalizadas palavras. Sob o ponto de vista “nacional” é que mais desejo de sua impressão, - pois estou compondo dessa maneira, atualmente – mas não quero me apegar a um pensamento limitado e fazê-lo rotina. Posso estar errado, atualmente, procurando fundir “nacionalismo” com atonalismo (quantos “ismos”!...) Mas qualquer argumento que me convença é o suficiente para fazer-me abandonar uma idéia... (Guerra-Peixe, 02/09/1946, carta 4)

Curt Lange não respondia diretamente às questões estéticas do compositor, talvez porque estivesse suficientemente ocupado com projetos e investimentos em prol de seu “Americanismo Musical”. Sua resposta ao trecho anterior foi:

Muitíssimo obrigado fiquei pela remessa da recopilação folklórica de Você, assim como da sua Sinfonia, obras estas chegada ha pouco. Você sorprehende-me num momento muito complicado, pois estou fazendo nestes momentos gestões diante o Governo para obter recursos para o Instituto, o qual ainda está na minha própria casa. Segunda ou terça-feira vae-me visitar o Ministro das Relações Exteriores com um colega dele que é também amigo e até essa data eu devo completar uma série de informações e outras coisas mais para ver si temos sorte para os nossos ideais, porque nós estamos perto das elecções e por isso tenho um medo medonho de não achar mais ajuda até o ano próximo... (Curt Lange, 12/09/1946, carta 5).

As cartas evidenciam que o projeto de Guerra-Peixe era criar uma música “moderna” e “universal” sem se afastar completamente dos traços musicais de sua cultura. Assim, flexibilizar a técnica dodecafônica evitando a ortodoxia e introduzir elementos mais diretamente reconhecíveis ao gosto musical da época, como os elementos oriundos da música popular brasileira, foi a solução encontrada. Neste sentido, ele escreve a Curt Lange relatando suas soluções técnicas e estilísticas:

Na técnica de doze sons, com série simétrica (pois só tenho composto dessa forma, desde o TRIO de cordas – com exceção da Sinfonia nº 1), procuro dar “cor” nacional às minhas obras, caracterizando, também, o meu estilo (...). A atonalidade (...) é um campo vastíssimo, e suas possibilidades são infinitas (...). Julgo ser a nova linguagem compatível com a emoção – a “pedra de toque” nas polêmicas sobre a técnica dos doze sons. Esta técnica oferece recursos extraordinários, para o compositor dar “cor” nacional a sua obra, sem descambiar para o regionalismo. Porque, feita uma série de doze sons (ou de menos, como empreguei no DUO para flauta e violino de 1947) de geito que certos intervalos, usados de certo modo, correspondam às características intervalares da música típica (assim quanto rítmicas) claro é que estes mesmos intervalos usados de certa forma, garantirão as pretendentes características no decorrer de toda a obra (...). À época dos exageros nacionalistas, de após 1914, já está passando – como se observa em FALLA e BARTOK – e o compositor precisa prosseguir investigando, afim de que sua obra seja mais universalista. Deve o compositor nacionalista, daqui para diante, evitar as fórmulas melódicas e rítmicas já tão academizadas quanto à do minueto e da gavota – com as quais qualquer um pode ser “compositor”. (Guerra-Peixe, 24/03/1947, carta 24).

Mas, a partir de 1948, em virtude de vários acontecimentos como o II Congresso de Praga, mas, sobretudo devido à insatisfação de Guerra-Peixe com a recepção de sua música dodecafônica pelo público brasileiro, ele declara a Curt Lange:

Penso em abandoná-la [a técnica dodecafônica] para escrever mais comprehensivelmente para a maioria, já que não querem executar nossas músicas assim... Basta de esperar pelas raras execuções para animar. Pois, desse jeito nossas obras não poderão ter realmente função social, porque vivem somente na gaveta e nas conversas. Não sei se estou pensando certo. Mas, se o público não recebe uma obra, ela não existe. Tentarei uma vez mais, para uma nova experiência... e chega... (Guerra-Peixe, 30/08/1948, carta 92).

Em dezembro de 1949, a convite da Rádio Jornal do Comércio de Recife, Guerra-Peixe passa a residir nesta capital o que, de certa forma, foi a resposta que ele tanto esperava para suas questões dodecafônicas. Em 1950, já tendo rompido definitivamente com o atonalismo serial, Guerra-Peixe escreve de Recife a Curt Lange narrando suas mais novas descobertas:

Estou fazendo um ótimo trabalho com um Babalorixá que vem à minha casa. Ele me canta as melodias todas que conhece, com suas interpretações diferentes, com o ritmo que lhes acompanha e tudo isso dentro da ordem com que são cantadas no xangô (...). Porém é difícil registrar as tonalidades das pancadas nos instrumentos de percussão. Como poderei exemplificar numa orquestra??? Como poderei escrever de geito que quem nunca ouviu um xangô tenha a impressão exata ou a proximada????

Outro aspecto: Fiz o babalorixá me ouvir ao piano, tocando alguns ritmos de xangô. Naturalmente tive que arranjar uma cor harmônica para a realização, assim como certas notas cantadas para substituírem as pancadas tão fundamentais da percussão do xangô. Alguns desses ritmos o babalorixá reconheceu logo, outros não, até que eu acertasse com o problema. Agora pergunto-lhe: Será suficiente e aconselhável a opinião de um desses homens de xangô? Nada sabem, mas conhecem bem a sua música e são guiados por uma sensação sonora mais aproximada da música deles, não acha??? Penso que quando um homem de xangô reconhecer sua música ou seu ritmo em qualquer trabalho, é porque esse trabalho se realizou bem, não acha??? Creio que sim, porque no caso de nada vale, a meu ver, a opinião dos maiores músicos, se eles não conhecem suficientemente o assunto a ser tratado. (Guerra-Peixe, 16/10/1950, carta 123).

Adepto agora às idéias de Mário de Andrade publicadas no *Ensaio sobre a Música Brasileira* (1928), Guerra-Peixe inicia uma profunda revisão em seus conceitos sobre “música universal” e conclui que qualquer obra de arte é, antes, uma manifestação “funcionalmente nacional”. Assim, ser um compositor nacionalista não significaria corresponder a uma preconização tradicional e anti-universal, mas, a uma forma de expressão coerente com seu tempo e sua cultura.

Bibliografia:

- ANDRADE, Mário de. Ensaio sobre a música brasileira. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GUERRA-PEIXE, César. Dossiê. Apostila mimeografada. Escola de Música da UFMG, 1971.
- _____. Maracatus do Recife. 2.ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1980.
- KATER Carlos. Música Viva e H.J.Koellreutter – movimentos em direção à modernidade. São Paulo: Atravez/Musa, 2000.
- LANGE, Francisco Curt e GUERRA-PEIXE, César. CORRESPONDÊNCIAS. Belo Horizonte, Acervo Curt Lange, Biblioteca Universitária da UFMG: Série Correspondências.
- NEVES, José Maria. Música Contemporânea Brasileira. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1981.